

LEÃO, Rodrigo de Souza. *Todos os Cachorros são Azuis*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

A insustentável leveza do elefante: fantasia e lucidez em *Todos os Cachorros são Azuis*

Juliana M.S. Sá¹

Poeta, escritor e jornalista diplomado, Rodrigo de Souza Leão (1965–2009) reuniu em sua breve carreira literária dezenas de textos, crônicas e poesias que, em sua maioria, concentraram-se em desbravar temas relacionados ao universo literário brasileiro. Nos anos que se dedicou ao jornalismo, colaborou com artigos e resenhas para os jornais *O Globo* e *Jornal do Brasil*, contabilizando mais de 150 entrevistas com escritores nacionais e internacionais. Escritor desde os 23 anos de idade, somente aos 36 anos, publicou seu primeiro livro *Há Flores na Pele* (2001), uma compilação de poemas experimentais de autoria própria. Sete anos mais tarde, veio a obter destaque no cenário literário nacional, alcançando o grande público leitor com a prosa poética *Todos os Cachorros são Azuis* (2008), um dos cinquenta finalistas do Prêmio Portugal Telecom, edição 2009.

Obra-prima de Souza Leão, *Todos os Cachorros* reúne histórias, memórias e frenesim de um homem de meia idade internado pela segunda vez num hospício, por decisão da família, após depredar a casa dos pais quando acometido de sucessivos distúrbios delirantes. O enredo *sui generis* que à primeira análise remete à estrutura de uma narrativa novelesca revela-se, entretanto, particular em termos de gênero literário. Ao ser cotado dentre os classificados para o Prêmio Portugal Telecom de 2009, alguns ousaram classificá-lo como novela, enquanto outra parcela do público leitor considerou tratar-se de um romance. O conflito entre ambas as classificações possivelmente se dá por questões conceituais entre um e outro gênero; contudo, unanimidade entre os leitores e a crítica especializada é que se trata de narrativa, e, na arte de narrar, Rodrigo de Souza Leão evidencia superar com naturalidade parâmetros estéticos restritivos com seu projeto criativo de convencionar o mote da loucura – já retratado em versos – à feição narrativa.

Sugestivo e irônico, o sóbrio *design* gráfico da capa, conjugado à disposição da epígrafe da sobrecapa (“todos os homens e todas as culturas convivem no hospício, um lugar

¹

Graduanda dos cursos de Licenciatura em Letras – habilitação em Língua Portuguesa e suas literaturas, da Universidade do Estado do Amazonas, e Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Amazonas. Bolsista de iniciação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). E-mail: julianasa12@gmail.com.

amplo e florido, mas que está longe de ser paradisíaco”), alude facilmente à ideia de que se trata de uma narrativa clássica, linear, juízo que, logo na leitura de seus primeiros parágrafos, se desmente. Paradoxalmente arquitetada, a concepção fragmentária de *Todos os Cachorros* não representa risco à unidade de sentido do texto; antes, colabora para a singularidade da proposta de Souza Leão, qual seja, a de conciliar verso e prosa numa mesma construção, sob clara influência da poética baudelairiana, o que anuncia também vestígios de Rimbaud (1854–1891) e Verlaine (1844–1896).

A propósito de Baudelaire e Rimbaud, é perceptível a íntima referência que o narrador-protagonista de *Todos os Cachorros* confere ao simbolismo literário do século XIX. A irreverência criativa, metafórica e desconcertante, característica cara aos dois franceses, ganha a empatia de Souza Leão, que desde as primeiras páginas trava diálogos, alude e provoca os dois amigos virtualmente concebidos.

Tudo ficou Van Gogh, capítulo inicial da narrativa, remonta ao universo particular do narrador e seu contato com a realidade idealizada segundo a esquizofrenia. As primeiras mostras de insanidade surgem ainda na infância do narrador, com a ideia obsessiva de possuir um *chip* implantado em sua cabeça e de crer que possui um grilo dentro do corpo, ingerido aos quinze anos de idade. Daí em diante, a diversidade de casos peculiares envolvendo impulsos eróticos, casos clínicos – ou apenas curiosidades – dos outros pacientes e recordações familiares são retomadas a cada nova intervenção médica. Surto, desaforos e imposturas o levam a experimentar o isolamento do “cubículo três por quatro” (p. 11) e daí reviver a trajetória do transtorno mental manifesto desde menino, tempo em que o cachorro de pelúcia azul tornara-se sua principal lembrança afetiva.

A partir deste primeiro segmento do livro, Souza Leão problematiza o parâmetro utilizado no diagnóstico da loucura e alguns dos mitos que envolvem o paciente psiquiátrico. Mesmo em sua narrativa não-linear, revestida de delírios e alucinações, é possível identificar um exame racional das duas instituições psiquiátricas por onde passou. A crítica ao tratamento administrado aos pacientes clínicos pode ser verificada em trechos, como “o hospício era um lugar cheio de flores lindas, mas podre por dentro. O modelo hospício tinha que ser mudado” (p. 29). Já não se trata apenas de um tratado pessoal da esquizofrenia² na medida em que o tom intimista dos relatos pessoais atrela-se ao *corpus* discursivo de denúncia.

Intitulado *Deus não: deuses*, o segundo capítulo avança rumo à primeira liberdade: a saída do cubículo. Esta conquista, *a priori*, não considera o convívio com os demais pacientes, ainda que a observação do comportamento alheio tenha sido incorporada na rotina dos distúrbios delirantes (p.32). Na descrição dessa nova rotina, figuras e recursos linguísticos apresentados no primeiro capítulo ressurgem como numa tentativa de reforçar a euforia do protagonista em estar diante da primeira possibilidade de deixar o hospício. Anedotas, delírios persecutórios e tantas outras construções do imaginário do narrador-protagonista percorrem livremente a fronteira diminuta que distingue lucidez de loucura. Personalidades da cultura *pop* dialogam com referências antológicas da literatura e do cinema.

Em *Humphrey Bogart contra Charles Laughton*, terceiro segmento do livro, conquista-se a segunda liberdade: o convívio entre os demais internos do hospício. Nesse estágio, a narrativa experimenta novos ritmos de ações. Rodrigo incorpora máquinas, bichos, atores. Formula aforismos, revisita clichês, retoma a descrição dos internos e poetiza. Ao tempo que o leitor pressupõe atingir o ponto máximo da insanidade, a lucidez parece gradativamente ganhar espaço em meio aos delírios de perseguição policial, do *chip* ingerido e das aparições de Rimbaud e Baudelaire. Ainda que sob a forma de lapsos breves e intercalados, a sobriedade surge, por exemplo, sob a forma de entrecortes da ausência dos amigos imaginários. Os vestígios podem ser identificados em trechos como:

Na minha voz, um grito. Mas o Haldol me segura. Segura meus gritos, sussurros. Eu, que já escondi muito remédio debaixo da língua, hoje tomo todos sem problemas. Sei lá se adianta. Sei apenas que sinto falta dos meus dois amigos (p. 53-54).

Do gr. *Epílogos*, quarto e último capítulo do livro, a liberdade é ganha com a notícia de alta da internação no hospício. Com a mudança de rumo, *Todos os Cachorros são Azuis* (2008) transcende a experiência autobiográfica e aproxima ainda mais o mote da loucura aos domínios da literatura tal qual fizera Maura Lopes Cançado em seu *Hospício é Deus* (1965) e, para rememorar um arquétipo antológico de nossas letras, Lima Barreto em *Diário do Hospício* (1920). A fundação da seita Todog, inicialmente restrita ao *status* de inovação linguística, ilustra a condição dúbia da narrativa de Souza Leão. Ambiguidade que logo se vê ameaçada pela variedade de exemplos surreais pontuados ao fim da narrativa: “Deram-me um terceiro óculos, terceiro olho. Terceira orelha. Um terceiro braço. Terceira perna. Uma terceira mão” (p. 78).

Na fronteira da loucura ritualística e da loucura poética³, a literatura se afirma como vereda formada por córregos entre os quais fluem experiências entusiasmadas e abjetas perfeitamente conjugadas – e conjugáveis, e que, ao fim, converge ao intuito maior de estabelecer um subterfúgio seguro da loucura. Das mais absurdas⁴ às mais plausíveis e tangíveis insinuações, todas favorecem o projeto escapista de Souza Leão.

Entre conversas com amigos imaginários, doses de remédio tarja preta, memórias familiares e alucinações de diversas naturezas, cabe ao leitor de *Todos os Cachorros* optar por se conservar a luz da razão ou deixar-se imergir na loucura tantas vezes revelada no desconforto à moral coletiva – provocações que percorrem paulatinamente a narrativa desde o seu princípio – que encontra condições favoráveis à aceitação do público por meio da apresentação bem humorada que Rodrigo de Souza Leão faz de seus relatos.

Recebido em 03 de setembro de 2010.

Aceito em 08 de novembro de 2010.

³

Segundo e quarto níveis de insanidade conforme referencia Sócrates (469–399 a.C.).

⁴

Lê-se o sentido literal do termo que consiste no conjunto de proposições que incidem inevitavelmente a uma negação de alguma das proposições anteriores tidas como verdadeiras.